

Deus como personagem: indícios da (des)preocupação com aspectos literários em traduções do texto sagrado Bhagavad GItA¹

Rodrigo Gomes Ferreira

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

rodrigof@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta indícios da preocupação e da despreocupação com o valor literário do texto indiano Bhagavad GItA, geralmente lido como um texto sagrado (sensível, religioso) e filosófico. Através de exemplos presentes em notas de tradução e prefácios de onze traduções diferentes, demonstra-se alguns aspectos literários do texto original levados em conta ou não para a tradução. Também discute-se brevemente a tradução de textos sensíveis vistos como textos literários.

PALAVRAS-CHAVE

tradução; textos sensíveis; tradução literária; textos sagrados; sânscrito; bhagavadgita

ABSTRACT

This article presents evidences of the care and careless taken with literary value of the indian text Bhagavad GItA, normally taken as sacred (sensitive, religious) and philosophical text. Using some examples of translation footnotes and prefaces from eleven different translations, some literary features that were taken care or not in the translation are shown. There is also a brief discussion on the translation of sensitive texts taken also as literary texts.

KEYWORDS

translation; sensitive texts; literary translation; sacred texts; sanskrit; bhagavadgita

A Bhagavad GItA (BG) é um texto com 700 versos, em sânscrito, provavelmente escrita por volta do século III a.C.² e com autoria tradicionalmente aceita como sendo de VyAsa³. É uma das partes do épico indiano MahAbhArata, de 100.000 versos. Apesar de ser parte deste épico, a BG é mais conhecida como um livro independente; talvez pela grande importância que este capítulo sempre recebeu por parte de grandes exegetas do hinduísmo.

São muitas as suas traduções, para os mais variados idiomas⁴, sendo que a primeira delas, diretamente do sânscrito para uma língua européia (o inglês), foi a de Charles Wilkins⁵, intitulada *The Bhagvet Geeta*, em 1785. Para o português do Brasil, há atualmente cerca de 21 traduções, incluindo-se obras de acadêmicos, padres cristãos e estudiosos da filosofia indiana; nem todas traduzidas diretamente do sânscrito.

O seu enredo é, basicamente, o diálogo entre dois personagens, KRSNa (encarnação do deus ViSnu) e Arjuna (príncipe dos PANDavas), minutos antes de uma grande batalha onde Arjuna comanda um dos dois exércitos numa guerra onde tenta reconquistar o reino do qual ele e seus irmãos foram injustamente depostos e KRSNa é o condutor de seu carro de combate. A conversa começa quando Arjuna entra em um dilema por ter que lutar contra o seu próprio mestre, contra seus familiares e conhecidos que estavam no exército inimigo. Expondo esta sua angústia para KRSNa, com a intenção de desistir da luta, os dois entram em um debate sobre questões fundamentais da vida humana, como a ética, o propósito da existência humana, a imortalidade do espírito humano etc.; o que leva Arjuna a retomar as armas e lutar até o fim vitorioso. Este diálogo passou a ser tão popular que ganhou o status de um livro distinto do *MahAbhArata*.

Um dos motivos que leva ao estudo da tradução desta obra, além do fato *corpus* de tantas traduções, é sua variedade de leituras aceitas: como um texto sensível (religioso), filosófico e também literário. Apesar de todas estas possibilidades de leitura serem justificadas com indícios na materialidade do texto, a maioria privilegia interpretações filosóficas ou religiosas. De fato, a BG é um dos livros que resumem a base do hinduísmo⁶, sendo talvez o mais acessível às massas e também uma obra chave para estudos filosóficos

dentro do yoga e do vedAnta. Assim, realmente não são muitas as traduções que se preocupam com aspectos literários. Percebe-se isto já pelo fato da maioria das traduções estar em prosa e nem sempre fazer menção sobre o estilo poético do original. Um destes tradutores, que praticamente não reconhece o valor literário do texto, é Yogi Ramacharaka. Em sua introdução a uma compilação de traduções da *BG*, ele apresenta o seu objetivo como:

... to give the spirit of the teachings, in a plain, practical, understandable form, adapted to the requirements and needs of the English speaking reader, although such a presentation has often necessitated the sacrifice of any attempt at literary merit. In fact this book makes no claim whatsoever to literary style. (THE BHAGAVAD GITA, 1998, p.7)

(... para se trazer o espírito dos ensinamentos de forma simples, prática e compreensível, adaptada às exigências e necessidades do leitor falante de inglês, apesar desta apresentação frequentemente ter tido a necessidade de sacrificar qualquer tentativa de um mérito literário. De fato, este livro não pede qualquer mérito quanto ao estilo literário.)
(minha tradução)

Seria esta falta de preocupação com o aspecto literário dos textos sensíveis uma norma de tradução para este tipo de texto? No caso das traduções de outros textos sensíveis, como a *Bíblia* e o *Corão*, encontram-se referências explícitas aos aspectos literários.

Burton Goddard (1999), em um artigo que explica o sistema de notas de tradução da *Bíblia New International Version* (NIV), comenta sobre o uso de notas para, entre outros assuntos, esclarecer epítetos e jogos de palavras nos textos originais. Chédia Trabelsi (2000), que analisa quatro traduções do *Corão* para o francês, expõe, além de questões sobre a densidade semântica, os problemas decorrentes da riqueza estilística, característica do original, e mostra o uso de notas relacionadas às elipses e alusões do texto árabe. Mesmo em traduções da *BG* há exceções, sendo que alguns tradutores reconhecem um valor literário na obra. Klaus Mylius (*DIE BHAGAVADGITA*, 1997), em sua tradução da *BG* para o alemão, afirma que esta obra não alcançaria toda a profundidade de significado que possui se não fosse justamente a seu *manto poético*.

Estas evidências sobre a atenção dada aos aspectos literários na tradução da *BG* são encontradas em prefácios e notas de tradução. A seguir, serão apresentados alguns

exemplos, agrupados pelos principais aspectos literários mencionados, tanto de tradutores que os privilegiam quanto dos que os desprivilegiam. Estes casos se inter-relacionam e, alguns deles, com mais de um grupo. Por essa razão, visando facilitar a organização do artigo, tais casos foram reunidos em categorias. Foram analisadas onze traduções diferentes, para o português (Brasil), o inglês (EUA e Inglaterra), o alemão (Alemanha) e o espanhol (Argentina); escolhidas pela possibilidade de acesso aos originais e a presença dos exemplos colocados a seguir.

Preocupação filológica

Não se trata aqui exatamente de um recurso literário. Porém, a preocupação filológica, no sentido de atentar-se para uma edição crítica do texto original, pode ser vista como um componente da abordagem de tradução literária. Sobre este aspecto, encontram-se referências, como na tradução de Edwin Arnold (SONG CELESTIAL, 2005)⁷ e Jorge B. Stella (A BHAGAVAD-GÎTÂ, 1970), sobre trechos onde há divergências entre as edições críticas⁸ da *BG*.

Outro caso seria uma observação sobre a pronúncia correta do nome “Arjuna”, em que a tônica está no primeiro “a”, que é colocada em uma nota na tradução de Isherwood e Prabhavananda (THE SONG OF GOD, 1972).

Jogo de Palavras

Uma das duas únicas referências encontradas sobre o jogo de palavras está na tradução de Héctor Morel (EL BHAGAVAD GITA, 1994)⁹, em sua tradução indireta para o espanhol, com base na tradução para o inglês de Annie Besant¹⁰. Neste caso a tradução utiliza-se de um recurso tipográfico durante todo o texto:

Hay otro aspecto tal vez fútil, aunque no lo será tanto si es de ayuda para el estudiante : cuando Átmâ significa el Yo Unico, el YO de todos, aparece con mayúscula; donde significa el yo inferior y personal, aparece en tipografía corriente; esto obedece a que, en ocasiones, hay un juego verbal, y al lector no preparado le resulta difícil seguir el significado sin alguna ayuda semejante.

Outro exemplo está na tradução de Arnold (SONG CELESTIAL, 2005, cap.VI)¹¹, que esclarece exatamente o mesmo tipo de jogo de palavras, porém somente em um caso, utilizando uma nota de tradução:

Hates Self as not itself.(10)

10. The Sanskrit has this play on the double meaning of Atman.

(Odeia o Ser como não sendo ele mesmo.(10)

10. O sânscrito apresenta este jogo com o duplo significado de Atman.)

(minha tradução)

Alegorias

Várias traduções comentam sobre alegorias encontradas na *BG*, oferecendo interpretações de supostas simbologias contidas em seu enredo. Para exemplificar, cito a tradução de Francisco V. Lorenz (BHAGAVAD GITA, 2001)¹², que aponta alegorias tanto em dezenas de notas de tradução quanto no prefácio:

... lhes diremos que a luta aqui descrita é a que se trava no interior de cada homem, entre o "Bem" e o "Mal". Arjuna, o Homem, acha-se colocado no campo de suas ações, entre dois exércitos inimigos, dos quais os Pândavas representam as forças superiores, e os Kurus, as forças inferiores da alma.

Agora, um exemplo de notas sobre a alegoria, do mesmo tradutor (cap. I, verso 14):

14. Igualmente deram sinal bélico Krishna, a encarnação de Deus, e Arjuna, filho de Pându, que estavam em seu magnífico carro de guerra, ornado com ouro e pedras preciosas, e puxado por cavalos brancos (1). E responderam os instrumentos dos Pândavas em som repetido e desafiador, como o som de trovão violento.

(1) Branco é o símbolo da pureza; cavalo, o símbolo da força e da obediência.

Epítetos

Os epítetos são, talvez, o segundo assunto literário mais comentado¹³ da *BG* e, igualmente, um dos menos reproduzidos na íntegra. Um exemplo é a tradução de Héctor

Morel (EL BHAGAVAD GITA, 1994), comentando sobre o uso de epítetos na literatura sânscrita e a impossibilidade de traduzi-los sem afetar a boa musicalidade na língua de chegada:

Los epítetos aplicados a Srí Krishna y Arjuna - cuya variedad es tan característica de la conversación sânscrita - quedaron, en su mayoría, sin traducir, porque por su musicalidad se suman a ese sortilegio literario, y porque el carácter de nuestro idioma difiere tanto del sânscrito que esos epítetos de métrica múltiple se tornan casi grotescos al ser traducidos.

Isherwood e Prabhavananda (THE SONG OF GOD, 1972), apesar de terem grande preocupação com o lado literário, também omitiram os epítetos no decorrer do texto, com a justificativa de que isto o deixava muito cansativo.

Ramacharaka (THE BHAGAVAD GITA, 1998, p.7,8), já citado como um tradutor que não privilegiou o aspecto literário, igualmente omitiu os epítetos, porém com a justificativa de que eles atrapalhariam os leitores, fazendo-os crer que há mais de dois personagens no diálogo.

Métrica

A métrica é o assunto literário mais comentado e, talvez, o mais evidente. Encontram-se referências significativas em praticamente todas as traduções analisadas. No entanto é Rogério Duarte (CANÇÃO DO DIVINO MESTRE, 1998) quem dedica a mais extensa explicação sobre esquemas métricos usados nos *shlokas* (versos) da *BG* (*anuStubh* – pés de 8 sílabas e *triStubh* – 11 sílabas) e o contexto deles dentro da literatura clássica sânscrita. Essa atenção parece estar ligada ao próprio projeto da tradução de Duarte, que é toda em versos, para o português do Brasil. É interessante ressaltar que este grande enfoque à parte poética da obra declaradamente se sobrepõe à uma correspondência mais erudita quanto ao conteúdo, como ele mesmo afirma:

O objetivo principal desta tradução (...) foi tentar encontrar uma forma que facilitasse sua retenção mnemônica, para incorporá-la de maneira mais profunda em nossa língua e nossa cultura, sobretudo popular. Não há nela a pretensão erudita de perfeição na correspondência formal entre o original e a versão brasileira. (CANÇÃO DO DIVINO MESTRE, p.20)

Outro tradutor, 98 anos antes, que declara ter colocado grande esforço para lidar com a métrica em sua tradução, foi Arnold (SONG CELESTIAL, 2005, minha tradução). Ele afirma que a métrica do original “não pode ser reproduzida com sucesso para os ouvidos ocidentais. Então eu a transformei em nosso flexível *blank verse*, mudando-a em medidas líricas onde o próprio texto também quebra”.

Johnson (1994), apesar de traduzir em prosa, usou uma marca tipográfica para indicar, nos versos da tradução, se o verso estava na métrica *triSTubh* ou na *shloka* no texto original.

Registro e estilo de linguagem

O principal comentário sobre registro e estilo de linguagem foi encontrado na tradução de Isherwood e Prabhavananda (THE SONG OF GOD, 1972)¹⁴, o que demonstra uma característica única do texto traduzido por eles, quando comparado com outras obras. Há partes em verso e outras em prosa. A escolha foi pelo sentimento que eles tinham por cada trecho e está ligada com o que chamam de “múltiplos tons” da obra original (i.e. filosófico, literário e religioso). Assim, defendem a necessidade de mesclar diferentes estilos e registros de linguagem para transmitir melhor este mosaico.

And indeed, it would be hard to evolve any uniform English style, modern or ancient, in which the Gita could be satisfactorily rendered. For the Gita, regarded simply as a piece of literature, is not a unity. (...)

First, the Gita may be regarded as part of an epic poem. It is all in verse. (...) To translate this epic prologue as though it belonged to the philosophical discourse which follows would be to cut the Gita right out of its historical setting and deprive it of its vivid local colour. (...) The Gita is also prophetic. Like the Vision of Isaiah and the Psalms of David, it contains ecstatic mystical utterances about the nature and attributes of God. These are poetry, and demand poetic expression. (...) Ordinary prose will render them flat and boring.

Finally, the Gita is a gospel. (...) Here, the translator must forget all about Vedanta philosophy and Sanskrit terms; all about India and the West, Krishna and Arjuna, past and future. He must aim at the utmost simplicity. (1972, p.9-10)

(E, de fato, seria difícil utilizar qualquer estilo padronizado do inglês, moderno ou antigo, com o qual a Gita pudesse ser satisfatoriamente apresentada. Isso porque a Gita, tida como uma só peça de literatura, não é uma unidade. (...)

Primeiramente, a Gita pode ser considerada como parte de um poema épico. Está toda em versos. (...) Para traduzir este prólogo épico como se pertencesse a um discurso filosófico, o qual procede, seria cortar a Gita totalmente fora do seu contexto histórico e a destituir da sua vívida cor local. (...) A Gita é também profética. Como a visão de Isaías e os Salmos de Davi, ela contém sentenças extáticas e místicas sobre a natureza e os atributos de Deus. Estas são poesia e demandam uma expressão poética. (...) Uma prosa ordinária as trariam secas e tediosas.

Por último, a Gita é um evangelho. (...) Aqui o tradutor deve esquecer tudo sobre filosofia Vedanta e termos sânscritos; tudo sobre a Índia e o Ocidente, Krishna e Arjuna, passado e futuro. Ele deve almejar à uma total simplicidade.) (minha tradução)

Stephen Mitchell (BHAGAVAD GITA, 2000, p.18 e 23, minha tradução) declara que a BG “é um poema, é claro, e não um manual sistemático”, é uma “canção de amor à realidade”. Ele afirma (BHAGAVAD GITA, 2000, p.31) que o principal problema, em sua tradução, foi encontrar a forma certa para o verso em inglês.

Edwin Arnold (SONG CELESTIAL, 2005), na entrada do capítulo X (nota 16), chama atenção para uma mudança no estilo e faz uma mudança na métrica da tradução. Nessa mesma tradução, Arnold (SONG CELESTIAL, 2005) também comenta sobre a omissão de uma repetição retórica em um dos versos, no seguinte trecho:

Of funeral-cakes and the wan death-water.(1)

(1)Some repetitionary lines are here omitted.

(Dos bolos de funeral e das pálidas águas da morte(1))

(1) Algumas linhas repetitivas são omitidas aqui.)

(minha tradução)

Considerações finais

Apesar da BG certamente ter aspectos filosóficos e religiosos, e estes estarem presentes nas leituras dos tradutores, há exemplos de abordagens literárias do texto, como se pôde ver nos exemplos apresentados. Talvez as traduções despreocupadas tenham recebido

de lidar com um texto sagrado (sensível) da mesma maneira que com uma história de ficção ou uma poesia secular, dando-se grande importância aos recursos literários como componentes essenciais na comunicação da obra. O motivo parece ser o receio em deixar de lado o foco na *mensagem divina* do texto.

Outra questão relevante sobre esta sensibilidade é que, mesmo existindo características comuns entre os chamados *textos sensíveis*, há diferenças que devem ser levadas em conta. Cito os casos da *BG* e do *Corão*. Trabelsi (2000), em seu artigo já citado, é categórica ao defender uma tradução do livro sagrado do islã que privilegie a semântica. Há importantes diferenças culturais entre o islamismo e o hinduísmo, sendo este segundo menos dogmático para o *verbo divino*. Não é por acaso que existe muito mais traduções da *BG* do que do *Corão*, seguindo as mais variadas interpretações. Porém, também no caso da *BG*, a maioria dos tradutores parece sacrificar a altura literária para tentar *salvar o conteúdo*.

Esta aparente dificuldade em conciliar o reconhecimento dos aspectos literários e *sagrados* pode ser mais devido a uma norma de tradução nas culturas de chegada, no sentido que dá Toury (1995), como restrição ou limitação sócio-cultural¹⁵, do que uma impossibilidade prática – o que mereceria uma investigação mais profunda em outra pesquisa. Observando-se as questões literárias levantadas nas traduções analisadas, acredita-se ser possível preocupar-se com o texto sagrado também como um texto literário. Não como uma *preocupação competitiva*, porém como parceira, à serviço da *mensagem divina*.

REFERÊNCIAS

A BHAGAVAD-GÎTÂ. Tradução de Jorge Bertolaso Stella. Coleção da Revista de história; 32. São Paulo, 1970.

BHAGAVAD GITA: a New Translation. Translation by Stephen Mitchell. New York: Harmony Books, 2000.

BHAGAVAD GITA: a mensagem do mestre. Tradução de Francisco Valdomiro Lorenz. São Paulo: Pensamento, 2001.

CANÇÃO DO DIVINO MESTRE. Tradução de Rogério Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DIE BHAGAVADGITA: des erhabenen gesang. Übersetzt und herausgegeben von Klaus Mylius. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1997.

EL BHAGAVAD GITA: o el canto del señor. Traducción original en inglés de Annie Besant. Traducción para el castellano de Héctor V. Morel. 4. e. Buenos Aires: Kier, 1994.

GODDARD, Burton L. The Footnoting System. In: *The NIV: The Making of a Contemporary Translation*. Richard P. Polcyn (ed.). Colorado Springs: International Bible Society, 1999.

SONG CELESTIAL or Bhagavad-Gita. Tradução de Edwin Arnold. Disponível na internet em: <<http://www.yogamovement.com/texts/gita.html>>. Acesso em: 19 maio 2005.

THE BHAGAVAD GITA or the Message of the Master. Translation by Yogi Ramacharaka. 1.ed. in 1935 by The Yogi Publication Society. Kila, USA: Kessinger Publishing, 1998.

THE BHAGAVAD GITA. Translation by W. J. Johnson. Oxford, New York: Oxford University Press, 1994.

THE SONG OF GOD: Bhagavad Gita. Translation by Swami Prabhavananda and Christopher Isherwood. USA: Mentor, 1972.

TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Benjamins Translation Library, v. 4. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1995.

TRABELSI, Chédia. *La problématique de la traduction du Coran: étude comparative de quatre traductions françaises de la sourate « La lumière »*. *Meta*, v.XLV, n.3, 2000.

¹ A transliteração dos termos em sânscrito deste artigo segue a convenção Harvard-Kyoto, com exceção do “G” em “GItA”, que é a transliteração para o “g” (gutural) e não o “n” (gutural).

² Há grandes divergências, com variações do séc. IV a.C. até o séc. I d.C., provavelmente devido à sua origem na tradição oral e pelo fato do seu enredo referir-se a acontecimentos de alguns milênios a.C – pois muitos têm a história do *MahAbhArata* como baseada em fatos reais.

³ Não há certeza se de fato ele existiu; porém ele é tradicionalmente aceito como o autor de todo o *MahAbhArata*.

⁴ Segundo o *Index Translationum* (disponível na internet em: <www.unesco.org/culture/xtrans>), de 1979 até 2005 (busca em 04/10/05) foram feitas 156 traduções da BG (busca por *bhagavad + gita*). O número não é exato, pois a busca só é possível, neste caso, pelo título, porém nem todas as traduções possuem palavras em comum para que se realize uma pesquisa que retorne com todas as traduções da BG registradas no *index*. Além disto, é necessário lembrar que há traduções da BG desde 1785, ou seja, há um período de 194 anos que o *index* não contempla. Outro fator é que pode haver traduções não oficiais ou não registradas neste banco de dados.

⁵ Pune, Índia: The Asiatic Society of Bengal. Provavelmente houve traduções anteriores para outras línguas indianas.

⁶ O hinduísmo não é uma religião no sentido convencional (e.g. católica), pois não possui clero, dogmas ou axiomas padronizados. Porém é uma religião no sentido de que é uma instituição cultural/filosófica que trata sobre Deus. Comparando sua importância com textos cristãos, a BG ocuparia o lugar do *Novo Testamento*, e o *g Veda*, o do *Velho Testamento*.

⁷ Dados da versão original impressa: New York, Truslove: Hanson & Comba, Ltd., 1900.

⁸ A primeira versão crítica da BG foi da *Asiatic Society of Bengal*, 1834-39 (Calcutá, Índia), porém a mais aceita hoje é de 1966, da *Bhandarkar Oriental Research Institute* (Pune, Índia); com algumas poucas diferenças em alguns versos entres estas duas versões.

⁹ O texto dessa tradução pesquisado estava digitalizado e sem a marcação das páginas.

¹⁰ THE BHAGAVAD GITA - or The Lord's Song. A 1ª ed. foi em 1895.

¹¹ O texto dessa tradução pesquisado estava digitalizado e sem a marcação das páginas.

¹² O texto dessa tradução pesquisado estava digitalizado e sem a marcação das páginas.

¹³ Depois da métrica do texto, abordada na próxima seção.

¹⁴ O texto dessa tradução pesquisado estava digitalizado e sem a marcação das páginas.

¹⁵ Toury (1995, p.54) apresenta a tradução como uma atividade sujeita à restrições (“constraints”) sócio-culturais de diversos tipos e em diferentes intensidades. São restrições que ultrapassam às limitações relacionadas ao texto original, diferenças sistêmica, linguísticas e cognitivas envolvidas no ato de tradução.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.